

## PAPÉIS SEXUAIS COMO *MIMESIS* DE PAPÉIS SOCIAIS NO *CICLO DE JUVÊNCIO DE CATULO*

Giovana Faversoni

**RESUMO:** O presente artigo tem como foco três poemas do assim chamado *Ciclo de Juvêncio*, textos pederásticos ou homoeróticos ou, se se quiser ainda, dedicados à *Musa puerilis*, compostos por Catulo no século I a.C. Trata-se de dez textos – 15, 16, 21, 23, 24, 26, 40, 48, 81 e 99 – d’*O Livro de Catulo*. O objetivo é discutir, a partir de uma análise de três poesias desse conjunto – 16, 23 e 24 –, um ponto fundamental: como os poemas do *Ciclo*, em sua *res ficta*, mimetizam, nos papéis sexuais desempenhados pelos amantes, as relativas posições sociais ocupadas pelas personagens e relações de poder que o homem adulto exercia sobre o *puer delicatus*, levando em consideração a configuração social romana da época tardo-republicana.

**PALAVRAS-CHAVE:** pederastia romana; poemas pederásticos, *puer delicatus*, ciclo de Juvêncio, Roma tardo-republicana.

### SEXUAL ROLES AS NA IMITATION OF SOCIAL ROLES IN CATULLUS’ *JUVENTIUS CYCLE*

**ABSTRACT:** This article is focused on three poems of the *Juventius cycle*, pederastic texts or homoerotics or, as so, dedicated to the *Musa puerilis*, written by Catullus in the 1<sup>st</sup> century BCE. The cycle is composed by ten texts – 15, 16, 21, 23, 24, 26, 40, 48, 81 and 99 – of the *Catullus Book*. The aim is to discuss, based on an analysis of three poems from this set – 16, 23 and 24 -, a fundamental point: how the cycle’s texts, in their *res ficta*, imitate, on the sexual roles played by the lovers, the relative characters’ social positions and the power relationships that an adult man exerted on the *puer delicatus*, taking into account the roman late-republic’s social setting.

**KEYWORDS:** roman pederasty; pederastic poetry, *puer delicatus*, Juventius cycle, late-republican Rome.

#### *1. Compreendendo o contexto da produção catuliana: pederastia em Roma*

Diferente da pederastia grega, em que se tinha uma relação pedagógica, em Roma a submissão do jovem era não só sexual, mas também social. Por essa razão, antes de

entendermos os papéis sociais e os papéis sexuais das personagens dos poemas 16, 23 e 24 do *Ciclo de Juvêncio*<sup>1</sup>, é necessário que compreendamos como essa relação entre duas pessoas do sexo masculino era tida na realidade de Catulo. Depois, pretendemos, a partir de comentários a três poemas do *Ciclo*, demonstrar como esse conjunto mimetiza, nos papéis sexuais desempenhados pelos amantes, as relativas posições sociais ocupadas pelas personagens, levando em consideração a configuração social romana da época tardo-republicana.

É válido compreendermos que, apesar de existir uma diferença entre a pederastia grega e a romana, um elemento primordial para o seu estudo, a relação de poder que envolve a prática sexual entre um homem e um jovem, mantém-se, ainda que também com uma diferença notável. Em Roma, essa noção era intrinsecamente ligada ao *status* social dos personagens: a pederastia acontecia sempre entre um homem rico e um escravo, geralmente de sua posse, ao passo que em Grécia tínhamos, como vimos, dois membros da aristocracia. O fato de os papéis sexuais mimetizarem os papéis sociais que desempenham as personagens explica-se também pela configuração falocêntrica da sociedade romana.

Os romanos eram uma sociedade patriarcal que visava à preservação da família, com o fito de estabelecer uma manutenção do modelo social da aristocracia. A instituição familiar era baseada na figura do *pater familias*, o patriarca; o poder estava concentrado nas mãos de um homem que administrava as posses e os membros da família, ou seja, tanto os filhos quanto a mulher viviam sob a tutela do pai, da mesma maneira que escravos e outros dependentes, cada um conforme seu estatuto. Como aponta Veyne,

O nascimento de um romano não é apenas um fato biológico. Os recém-nascidos só vêm ao mundo, ou melhor, só são recebidos na sociedade em virtude de uma decisão do chefe de família. [...] Em Roma um cidadão não ‘tem’ um filho: ele o ‘toma’, ‘levanta’ (*tollere*); o pai exerce a prerrogativa, tão logo nasce a criança, de levantá-la do chão, onde a parteira a depositou, para tomá-la nos braços e assim manifestar que a reconhece e se recusa a enjeitá-la. (VEYNE, 2009, p. 21)

Nesse sentido, o *pater familias* deveria manter sempre uma figura de virilidade e superioridade em relação aos outros membros familiares, sempre submissos a ele. Assim, esse homem não se submeteria a uma relação com outro que compartilha seu *status* social, mesmo que ele ainda fosse mais novo, nem com um jovem que fosse livre e inferior economicamente.

---

<sup>1</sup> A tópica pederástica aparece na produção de Catulo em um conjunto de dez poemas intitulado *Ciclo de Juvêncio* – 15, 16, 21, 23, 24, 26, 40, 48, 81 e 99.

De acordo com Carlos Ascenso André, ao pensarmos em relacionamentos homossexuais entre os romanos e suas limitações,

o que estava em causa [...] era, no fundo, uma questão de poder. Entre os Romanos, a hierarquia do poder prevalecia em todos os campos da vida social; a sociedade dividia-se entre os que dominavam e os que eram dominados. No acto sexual, quem exercia a penetração era o dominador, quem a sofria era o dominado, independentemente do sexo de cada um deles. Ora, vistos os factos segundo esta perspectiva, entende-se que penetrar era subjugar; o mesmo é dizer que masculinidade equivalia a dominação. (ANDRÉ, 2006, p. 177)

Havia, desse modo, uma preocupação social sobre um homem ser sexualmente submisso a outro, uma vez que isso feria sua masculinidade, o que se estende para as relações de poder romanas e condição social que eles ocupavam e, mais ainda, procura defender a imagem do *pater familias*. Por essa razão, podemos entender que a atividade do *amator* nas relações sexuais é um símbolo de seu poder social, uma vez que um homem aristocrata não poderia se inserir em um cenário de passividade em nenhuma circunstância. Nesse sentido, segundo Richlin, “[...] a ameaça de penetrar outro homem, na literatura latina e aparentemente na realidade romana, era usada como sinal de virilidade e poder superiores” (RICHLIN, 1992, p. 221). Em outras palavras, uma vez que a submissão de um homem em relação ao outro era inadequada, um aristocrata dizer que exerceria alguma atividade anal em outro era uma ameaça comum para demonstrar seu poder, isto é, chamar um homem de passivo é o mesmo que ofendê-lo e descreditá-lo, o que acontece no *Ciclo de Juvêncio*, como veremos adiante.

Então, podemos entender que o aristocrata estaria sempre em posição superior tanto socialmente quanto sexualmente em suas relações, especialmente aquelas que mantinha com os membros da *familia* que dele era propriedade. Devemos ter em mente que as relações familiares em Roma são, acima de tudo, relações de poder: o objetivo maior é a manutenção da elite, por isso as relações pederásticas que eram socialmente aceitas aconteciam sempre entre um homem adulto e com um grau social elevado e um jovem escravo ou liberto, mas nunca alguém nascido livre. O estabelecimento dessa espécie de regra é, também, uma maneira de garantir que nenhum cidadão romano homem se submeteria a uma passividade em qualquer tipo de relação que estabelecesse com outro.

Pensando nisso, têm-se nos registros literários<sup>2</sup> e históricos informações sobre o que, na relação sexual entre dois homens, era considerado inadequado, o que Richlin nomeia de

---

<sup>2</sup> A tematização desses papéis como chave do vitupério ocorre, por exemplo, no *Ciclo de Juvêncio*, como veremos adiante. Além disso, há outro ótimo exemplo desses registros literários em Marcial, pois em sua produção há abundância de poemas no mesmo sentido (mais de quarenta, conforme Richlin (1992, p. 132)).

homossexualidade passiva pela qual homens adultos são atacados. Ela “[...] denota três tipos de comportamento: ter sido o *puer* de um homem mais velho alguns anos antes; continuar, quando adulto, a gostar de ser penetrado analmente por outros homens; e gostando de executar sexo oral.” (RICHLIN, 1992, p. 220). Sendo assim, a idade, assim como na pederastia grega, também é uma questão em Roma. Por ser uma sociedade patriarcal, dois homens adultos não poderiam se relacionar sexualmente, porque isso implica em uma submissão de alguma das partes, o que indicaria uma passividade proibida a eles, já que exercem agora o papel de *pater familias* e precisam prezar por sua masculinidade social.

Sabendo qual era a homossexualidade considerada inadequada, precisamos também entender quem eram, então, as figuras que poderiam exercer papel passivo sexualmente. O chamado *puer delicatus*, expressão que designa o menino amado, era retratado sempre como um escravo, isto é, alguém socialmente inferior ao *amator*, validando, mais uma vez, a ideia de que a submissão sexual implicava, conseqüentemente, submissão social. Nesse sentido, era comum a objetificação desses rapazes nas relações pederásticas, uma vez que eram propriedade daquele que exercia papel ativo, o qual, por sua vez, via o *puer* como um instrumento de prazer.

No contexto tardo-republicano em que Catulo viveu, como vimos, havia uma grande preocupação pela manutenção da honra e da figura masculina que comandava a *familia*, uma vez que ela era a máxima representação de poder dentro do âmbito privado. Por essa razão, o *puer* ideal não poderia, em hipótese alguma, ser um adulto que já possui poder reprodutivo, por exemplo, uma vez que a reprodutibilidade era essencial para a manutenção da sociedade romana e, sendo assim, um alto símbolo de poder e virilidade que não poderia ser, digamos, desperdiçado ou, mais do que isso, desonrado em uma relação entre dois homens. Além disso, a tenra idade, ideal para a consumação da pederastia, trazia consigo traços delicados e uma sutileza desejável, semelhante ao físico feminino, evidenciando que mesmo a homoafetividade estava sujeita ao forte patriarcado romano.

Assim sendo, uma vez que o chefe da *domus* precisava zelar pela posição que ocupava, podemos entender por que as características ideais do *puer*, além da juventude, são aquelas que se assemelham a uma *puella*. Ora, assim, se no contexto social romano esses papéis sexuais figuram as relações sociais romanas que entronizam o homem aristocrata em posição sempre superior, ativa e detentora das prerrogativas da ação; não é menos verdadeiro que, em plano poético, em particular erótico-amoroso, a poesia pederástica não é diferente, mimetiza por óbvio os *topoi* da sua contra-face heterossexual, atribuindo ao *puer* em linhas gerais as qualidades e os atrativos físicos da *puella*.

As relações entre um homem adulto, o *amator*, e um escravo jovem, o *puer*, não são relatadas apenas na literatura, e esse é outro indício de que a pederastia era, de fato, uma instituição recorrente em Roma. Richlin (1992) oferece, no apêndice 2 de seu livro *The Garden of Priapus*, um extenso panorama de casos registrados em que o envolvimento de um aristocrata com um escravo foi mencionado em tribunais. Pensando nisso, é relevante compreendermos uma famosa lei implementada por Augusto e como uma parte dela ecoa outro regimento romano anterior. Ainda que o imperador seja posterior a Catulo, objeto de estudo deste artigo, a discussão sobre o impacto dessas leis na pederastia é relevante quando pensamos que a prática foi institucionalizada e consta em registros jurídicos. Em outras palavras, essas fontes ratificam a ideia de que os poemas pederásticos de fato mimetizam uma situação do contexto real.

Augusto, enquanto estava no poder de Roma, foi responsável pela promulgação da *Lex Iulia de adulteriis coercendis*, a qual fazia parte de um conjunto de três regimentos que estabeleciam regras em relação ao matrimônio a fim de preservar o funcionamento da sociedade. Interessa-nos, aqui, ressaltar que essa lei incluiu o que se chamava *stupro cum masculo* na lista de atividades proibidas. Essa norma provavelmente se pautou em outra, anterior<sup>3</sup>, a *lex Scantinia*, que é mencionada, por exemplo, em Juvenal (2.44), em Suetônio (*Dom.* 8.3) e em Cícero (*Fam.* 8.12.3, 8.14.4).

A lei Escantínia não chegou até nós, mas os registros que a mencionam nos permitem compreender que se tratava de uma regulamentação contra o estabelecimento de relações sexuais entre homens adultos e rapazes nascidos livres e, ainda, proibia que um adulto se colocasse em posição de passividade em relação a outro. Além disso, fica perceptível que ela também abria o escopo para determinar como passivo qualquer *ingenuus* que se permitia ser sexualmente usado de forma gratuita. Os dois pontos que conhecemos desse regimento deixam bastante claro que as relações de poder, o que envolvia tanto a honra quanto uma questão financeira, estavam intrinsecamente ligadas à prática pederástica em Roma. Pensando nisso, é compreensível entendermos, a partir dos relatos, que essa lei tinha uso muito mais político e social do que jurídico: acusava-se alguém de infringi-la quando se queira inferiorizá-lo, uma vez que esse comportamento era altamente reprovável.

Conclui-se, portanto, que, para a sociedade romana patriarcal, na qual as relações de poder e a masculinidade são máximas de todas as situações, as limitações pederásticas são muito bem estabelecidas e envolvem, acima de tudo, a submissão social do jovem, que é, também, submisso sexualmente. Assim, tinha-se um aristocrata adulto e um jovem escravo,

---

<sup>3</sup> Apesar de não termos o registro da lei em si, podemos considerá-la anterior ao conjunto de Augusto porque foi mencionada por Cícero.

nunca livre, em uma situação de objetificação deste, um mero objeto sexual daquele, que exercia a sua tutela em todos os aspectos.

## 2. *Catulo e a musa puerilis*

### 2.1 Catulo 16

Catull. 16

*Pedicabo ego uos et irrumabo,  
Aureli pathice et cinaede Furi,  
qui me ex uersiculis meis putastis,  
quod sunt molliculi, parum pudicam.*

5. *Nam castum esse decet pium poetam  
ipsum, uersiculos nihil necesse est,  
qui tum denique habent salem ac leporem,  
si sunt molliculi ac parum pudici  
et quod pruriat incitare possunt,*
10. *non dico pueris, sed his pilosis  
qui duros nequeunt mouere lumbos.  
Vos, quei milia multa basiorum  
legistis, male me marem putatis?  
Pedicabo ego uos et irrumabo.*

Esse é o segundo poema do *Ciclo*, o qual, assim como o primeiro (Catull. 15), é uma interlocução com rivais do poeta pelo amor do *puer*. Aqui, fala-se com Aurélio e com Fúrio. Os versos 1 e 14 (1º e último) são exatamente iguais, e são precisamente aqueles que oferecem uma ameaça aos inimigos que se atrevem a criticar Catulo como alguém sem pudor por seus versos, que cantam, muitas vezes, o amor de forma explícita. Ainda que faça parte do ciclo de poemas dedicados a Juvêncio, aqui ele não é o interlocutor e não é nomeado, mas ainda assim podemos vislumbrar como os papéis sexuais dos personagens metaforizam papéis e convenções sociais patriarcais.

Ao dirigir ofensas às inimizadas, o jeito que Catulo encontra para subjugá-los é colocá-los em posição passiva em um suposto ato sexual com ele. Essa situação, ainda que hipotética, já era o suficiente para ferir a masculinidade social dos interlocutores, algo que, para um cidadão romano, era das piores ofensas. Nesse contexto, como bem elucidada Ellis (1889, p. 59), as ameaças feitas pelo poeta carregam um tom que transita entre o sério e o jocoso, é mais um modo de hostilizar seus interlocutores do que de fato representar algo que seria feito. O que deve ser levado completamente a sério nos versos, por sua vez, é a defesa exaustiva que o autor faz de sua virilidade.

O termo *pedicabo*, presente nos v. 1 e 14, refere-se à penetração anal, que é designada a Aurélio. Já a Fúrio, associa-se *irrumabo*, indicando aquele que recebe a ação do sexo oral,

significando que o rival exerceria posição passiva. Nota-se que há, então, a descrição de atividades indecorosas: um homem adulto ser passivo em relação a outro, nas quais, todavia, o poeta exercerá sempre a posição ativa, restando aos inimigos papel de submissão, aquele que coloca em xeque sua virilidade e masculinidade. Outros vocábulos inerentes ao dicionário sexual latino presentes no poema são *pathice* e *cinaede*, termos que designam pejorativamente aquele que é passivo, posição indesejada por qualquer cidadão romano, aqui dada aos rivais.

Além disso, há uma defesa de seus versos, os quais são criticados pelos interlocutores: eles julgaram sua poética. O poema é, pois, também uma reafirmação do fazer poético neotérico, geralmente desmerecido pelos contemporâneos. Catulo faz um uso polissêmico de adjetivos que se referem tanto às características almejadas pela poética catuliana quanto àquelas que um *puer* deve ter: os versos são delicados, assim como se espera que o jovem seja. No verso 10, tem-se uma referência aos meninos peludos, *pilosis*, o que faz clara alusão à passagem do tempo que torna o relacionamento com um *puer* inadequado. Nesse sentido, temos aqui uma menção a homens que já passaram pela puberdade, perdendo, assim, a qualidade de *puer*, desinteressando agora qualquer *amator* para a prática pederástica. No entanto, era aos adultos que deveriam interessar os temas da poética criticada por Aurélio e Fúrio, dois homens adultos que, na percepção de Catulo, deveriam desfrutar dos temas de seus poemas.<sup>4</sup>

Por fim, Catulo menciona a incoerência das acusações de seus rivais: eles próprios leem versos com conteúdo pederástico explícito, portanto não poderiam julgá-lo por não ser viril, acusação muito grave para uma sociedade tão patriarcal e falocêntrica como a romana. É válido notar que a referência feita aos poemas pederásticos lidos pelos inimigos – *milia multa basiorum legistis* – ecoa não só Catull. 5, em que Catulo e Lésbia se beijarão milhares de vezes, mas também Catull. 48, poema do *Ciclo de Juvêncio*. Assim, o poeta insinua que Aurélio e Fúrio liam textos com conteúdo pederástico do próprio autor que criticavam.

## 2.2 Catulo 23 e 24

Catull. 23

*Furei, cui neque seruous est neque arca  
nec cimex neque araneus neque ignis,  
uerum est et pater et nouerca, quórum  
dentes uel silicem comesse possunt,*

5. *est pulcre tibi cum tuo parente,  
et cum coniuge ligneu parentis;  
Nec mirum; bene nam ualetis omnes,  
pulcre concoquitis, nihil timetis,*

---

<sup>4</sup> Esse lugar-comum foi inaugurado pela epigramática helenística, em que não é raro encontrarmos poemas que lamentam o crescimento de pelos nos *eromenos*.

- non incendia, non ruinas,  
 10. non facta ímpia, non dolos ueneni,  
 non casus alios periculorum.  
 Atqui corpora sicciora cornu  
 aut siquid magis aridum est habetis  
 sole et frigore est esuritione.*
15. *Quare non tibi sit bene ac beate?  
 A te sudor abest, abest saliuu,  
 muccusque et mala pituita nasi.  
 Hanc ad munditiem adde mundiozem,  
 quod culus tibi purior salillo est,*
20. *nec toto decies cacas in anno,  
 atque id durius est faba et lapillis;  
 quod tu si minibus teras fricesque,  
 non umquam digitum inquinare posses.  
 Haec tu commoda tam beata, Furei,*
25. *noli spernere nec putare parui.  
 Et sestertia quae soles precari  
 Centum desine, nam sat es beatus.*

Catull. 24

- O qui flosculus es luuentiorum,  
 non horum modo, sed quota ut fuerunt  
 aut posthac aliis erunt in annis,  
 malle diuitias Midae dedisses*
5. *isti, quoi neque seruus est neque arca,  
 quam sic te sineres ab illo amari.  
 “Qui? Non est homo bellus?” inquires. Est;  
 Sed bello huic neque seruus est neque arca.  
 Hoc tu quam lubet abice eleuaque;*
10. *nec serum tamen ille habet neque arcam.*

Os poemas 23 e 24, por sua vez, serão analisados aqui de forma conjunta. Os dois textos possuem um único fio condutor relevante ao assunto aqui exposto: ambos são um ataque a Fúrio, que aparentemente se ofereceu demais a Juvêncio. Para ofender o rival, Catulo segue uma única linha de raciocínio: ataca sua condição financeira. Assim, tanto em 23 quanto em 24, o autor aponta, com muitas ofensas, que o inimigo não possuiria dinheiro algum no bolso e, portanto, seria loucura que o *puer* o preferisse em detrimento de “riquezas mil de Midas”. Esse conteúdo nos revela que, de fato, na sociedade romana, para exercer a posição ativa em uma relação pederástica, ser um aristocrata era uma exigência fundamental. Assim, não adiantava Fúrio ser um homem belo, porque é a posição social do amante que interessa para a consumação da prática pederástica.

Em Catull. 23, temo um extenso ataque bastante impetuoso a Fúrio. Provavelmente por ter se aproximado – ou tentado – de Juvêncio, Catulo extrapola o nível jocoso da ofensa entre poetas amigos e conhecidos e se enfurece de verdade contra o interlocutor. Dessa forma, ainda



que os versos possuam um grande tom de sarcasmo, ele não é suficiente para dizer que o teor é jocoso, porque as ofensas, pautadas na condição financeira de Fúrio, superam a ironia empregada pelo poeta. Temos, pois, um texto que nos apresenta um bom paralelo em relação a alguns juízos morais dos romanos no que diz respeito à condição financeira, uma vez que, como veremos, a pobreza é um mecanismo de subjugar alguém de uma maneira bem agressiva. É válido lembrarmos, ainda, que ser um aristocrata era uma das condições do *amator* da pederastia; pensando nisso, dizer que seu inimigo é pobre significa tirá-lo da possibilidade de se envolver decorosamente com o *puer* catuliano, já que uma posição sexual ativa deveria refletir na social.

O poema faz ainda forte referência à “*secura*” de Fúrio, o que chama atenção em dois pontos: a) a magreza extrema aqui é vitupério em clave imagética, ela é deformidade, por extensão torpeza: é o *habitus corporis* que está em Quintiliano (*Instituições Oratórias*, 5, 10, 26); e na Retórica a Herênio também há a *notatio* (4. 63), tópicos do retrato associadas ao epidítico; e b) essa mesma “*secura*”, ainda que referida obscenamente, pode ser alusão à bile negra (à melancolia), pois sabemos que ela é consequência de humores secos e, fisicamente, provoca a extenuação das partes do corpo (a consequente magreza)<sup>5</sup>.

Catull. 24, por sua vez, parece continuar o anterior: a repetição de “*neque seruus... neque arca*” feita em três versos do mesmo poema (v. 5, 8 e 10 ) é suficiente para compreendermos que Catulo deseja reforçar o quão pobre o homem que Juvêncio parece preferir em detrimento dele é. Assim, entendemos que o texto funciona como uma advertência ao *puer*: não seria inteligente, tampouco decoroso, que ele escolhesse o *amator* apenas pela beleza ou por suas qualidades, o ponto de maior interesse deveria ser, sempre, a condição financeira do homem. Não é difícil notar, ainda, que as expressões indicativas de pobreza aparecem, antes, em Catull. 23. Desse modo, estamos diante de uma ligação que nos permite ler o 24 como uma continuidade de 23, levando-nos à conclusão de que o homem a quem esses versos se refere é Fúrio.

O conteúdo nos revela que, de fato, na sociedade romana, para exercer a posição ativa em uma relação pederástica, ser um aristocrata era uma exigência fundamental. Não basta Fúrio ser um homem belo, porque é a posição social do amante que interessa para a consumação da prática pederástica. Quintiliano (*Instituições Oratórias*, 5, 10, 26), quando trata da aparência física (*habitus corporis*), tópica do retrato, diz que muitas vezes a beleza é tomada como signo

---

<sup>5</sup> Isso está em tratados de Fisiognomonia (Anon. Livro da Fisiognomonia, 12).

da libidinagem: nesse sentido, a beleza suposta de Fúrio de nada adianta, pois não representa, assim, o *kalós k'agathos* platônico, mas antes a libidinagem temerária e perdulário de Fúrio.

### *Considerações finais*

É relevante levarmos em consideração que, ao analisarmos o *Ciclo de Juvêncio*, estamos falando de uma produção literária que tem como fio condutor o *topos* da pederastia, isto é, os poemas não retratam historicamente essa prática, embora possamos compreender muito dela a partir da sua leitura. Pensando nisso, não nos interessou, aqui, estabelecer um estudo histórico acerca de quem foi Juvêncio ou de se a relação entre ele e Catulo de fato existiu, porque, conforme aponta Richlin, na pederastia literária romana, “[...] enquanto o amante em cada poema é uma versão ideal do poeta, o amado é uma versão ideal de uma figura com apenas uma identidade vaga ou mutante – mais ideal do que real.” (RICHLIN, 1992, p. 32-33).

Precisamos mencionar, ainda, que a leitura dos poemas do *Ciclo de Juvêncio* foi feita levando em consideração que esses textos, seguindo a lógica da epigramática helenística que se vale do *topos* pederástico, não são exatamente ou, pelo menos não totalmente, sérios ou biográficos. Precisamos saber, pois, que o retrato do relacionamento entre *amator* e *puer* pelos poetas transitava sempre entre o jocoso e a seriedade<sup>6</sup>, cabendo ao leitor distinguir esses dois tons. Além disso, é válido mencionar que os textos do conjunto em questão não são dedicados apenas a cantar o amor de Catulo por Juvêncio, mas também são pretextos para ofender rivais do poeta pelo *puer* a partir de uma linguagem sexual que remete à passividade, como vimos nos poemas selecionados.

Conclui-se, dessa forma, que, a partir da emulação de uma tópica inaugurada pela epigramática helenística, Catulo consegue, em seu *Ciclo de Juvêncio*, demonstrar como a sociedade romana distinguia as relações entre homens entre aceitável e completamente indecorosa. Em outras palavras, ao evidenciar cenas e papéis sexuais, o poeta romano nos permite vislumbrar como o poder, que fundamentava qualquer relação em Roma, também regia a possibilidade ou não de encontros amorosos entre duas pessoas do sexo masculino. Pensando especificamente no contexto pederástico, a partir da emulação de uma tópica inaugurada pela epigramática helenística, Catulo consegue, em seu *Ciclo de Juvêncio*, demonstrar como a sociedade romana distinguia as relações entre homens entre aceitável e completamente indecorosa. Em outras palavras, ao evidenciar cenas e papéis sexuais, o poeta romano nos

---

<sup>6</sup> Cf. RICHLIN, 1992, p. 33.

permite vislumbrar como o poder, que fundamentava qualquer relação em Roma, também regia a possibilidade ou não de encontros amorosos entre duas pessoas do sexo masculino.

Nesse sentido, por meio da compreensão da relação entre os papéis sexuais e sociais das personagens, demonstra-se que enquanto o homoerotismo (e também a poesia erótica de um modo geral), desde os românticos, por questões cristãs ou de ordem burguesa, é entendido não como ramo legítimo da literatura e da poesia, mas como gênero, por assim dizer, “transgressor”, entre os antigos tinha-se o contrário: o homoerotismo era uma possibilidade poética legítima; não era transgressora de costumes, ainda que pudesse ter como matéria atitudes consideradas indecorosas na relação entre dois homens, nem de códigos da poesia.

### *Referências*

ADAMS, J. N. *The Latin Sexual Vocabulary*. London: Duckworth, 1982.

AGNOLON, Alexandre. *O catálogo das mulheres: os epigramas misóginos de marcial*. São Paulo: Humanitas, 2010.

ANDRÉ, Carlos Ascenso. *Caminhos do amor em Roma: sexo, amor e paixão na poesia latina do séc. I a.C.* Lisboa: Edições Cotovia, 2006.

CARVALHO, Raimundo; FLORES, Guilherme Gontijo; JÚNIOR, Márcio M. G.; NETO, João A. O. (orgs.). *Por que calar nossos amores?: Poesia homoerótica latina*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CATULO. *O livro de Catulo*. Introdução, tradução e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.

CÍCERO. *De oratore*. Texte établi et traduit par Edmond Courbaud et Henri Borneaqui. Paris: Les Belles Lettres, 1966-1985.

CÍCERO. *Retórica a Herênio*. Tradução e introdução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

ELLIS, Robinson. *A commentary on Catullus*. Oxford: Clarendon Press, 1889.

JUVENAL. *Sátiras*. Introdução, tradução e notas de Fabio Paifer Cairolli. São Paulo: Assimetria, 2019.

OLIVA NETO, João Angelo Oliva. *Falo no jardim: Priapéia Grega, Priapéia Latina*. Tradução do grego e do latim, ensaios introdutórios, notas e iconografia de J. A. Oliva Neto. Cotia-Campinas: Ateliê Editorial-Editora da UNICAMP, 2006.

OLIVA NETO, João Angelo Oliva. A Warren Cup e os poemas pederásticos de Catulo: consideração sobre o erotismo e as artes na Roma antiga. *Revista de História da Arte e Arqueologia*, Campinas, v. 2, p. 45-58, 1995.

RICHLIN, Amy. *The Garden of Priapus: sexuality and aggression in Roman humor*. New York: Oxford University Press, 1992.

SUETÔNIO. *De Vitis Caesarum*: Latin Text. CreateSpace Independent Publishing Platform: 2016.

VEYNE, Paul. *A elegia erótica romana: o amor, a poesia e o ocidente*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.